



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES - FALLA
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

FELIPE DE FRANÇA DUARTE

**UM DIÁLOGO ENTRE A POÉTICA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E
ELOMAR FIGUEIRA DE MELO**

**CAMPINA GRANDE
2024**

FELIPE DE FRANÇA DUARTE

**UM DIÁLOGO ENTRE A POÉTICA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E
ELOMAR FIGUEIRA DE MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada plena em Letras - Português.

Linha de pesquisa: Cultura e literatura popular.

Orientadora: Monalisa Barboza Santos Colaço

CAMPINA GRANDE
2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D812u Duarte, Felipe de França.

Um diálogo entre a poética de João Cabral de Melo Neto e Elomar Figueira de Melo [manuscrito] / Felipe de França Duarte. - 2024.

27 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Monalisa Barboza Santos Colaço, Coordenação do Curso de Letras Português - FALLA".

1. Literatura nordestina. 2. Poética. 3. Tradições populares. 4. Cultura. I. Título

21. ed. CDD 801.95

FELIPE DE FRANÇA DUARTE

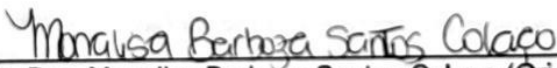
**UM DIÁLOGO ENTRE A POÉTICA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E
ELOMAR FIGUEIRA DE MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação do Curso
de Licenciatura Plena em Letras -
Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciada plena em Letras -
Português.

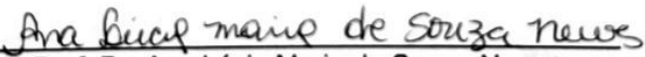
Linha de pesquisa: Cultura e literatura
popular

Aprovada em: 12/09/2024.


BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Monalisa Barboza Santos Colaço (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	4
2 DOS AUTORES E SUAS OBRAS: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO	6
2.1 MOVÊNCIAS SEVERINAS ARQUITETADAS POR CABRAL DO SERTÃO AO RIO	6
2.2 ELOMAR: O GUARDIÃO DAS CANÇÕES SERTANEJAS E DA ALMA NORDESTINA	14
3 OS ASPECTOS DA RETIRANÇA E DO RETIRANTE EM “MORTE E VIDA SEVERINA” E “RETIRADA”	23
4 DO POEMA À CANÇÃO: O ENCONTRO DE 'O RIO' E 'CURVAS DO RIO	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

O RIO E SUAS ESTRADAS LABIRÍNTICAS RUMO AO MAR: UM OLHAR CONVERGENTE PARA AS POÉTICAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E ELOMAR FIGUEIRA DE MELO

Felipe de França Duarte

RESUMO

Este trabalho realiza uma análise comparativa entre as poéticas de Elomar Figueira de Melo e João Cabral de Melo Neto, dois autores que, apesar de distintos em suas abordagens, compartilham um enraizamento na cultura e nas tradições do Nordeste brasileiro. A pesquisa centra-se em como ambos os autores representam o sertão e a vida do sertanejo, com ênfase especial na temática da retirada. As obras *Morte e Vida Severina* e *O Rio*, de João Cabral, e as canções *Curvas do Rio* e *Retirada*, de Elomar, são analisadas para explorar suas interseções temáticas e estilísticas. A análise revela que, enquanto João Cabral adota uma linguagem objetiva e crítica, Elomar recorre a uma poética que celebra as tradições populares. O estudo conclui que os autores contribuem significativamente para a construção de uma literatura nordestina que dialoga com questões universais, ao mesmo tempo em que mantém e renova as tradições culturais da região.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto; Elomar; poesia.

ABSTRACT

This article conducts a comparative analysis between the poetics of Elomar Figueira de Melo and João Cabral de Melo Neto, two authors who, despite being different in their approaches, share roots in the culture and traditions of the Brazilian Northeast. The research focuses on how both authors represent the sertão and the life of the sertanejo, with special emphasis on the theme of retreat. The works “*Morte e Vida Severina*” and “*O Rio*”, by João Cabral, and the songs “*Curvas do Rio*” and “*Retirada*”, by Elomar, are analyzed to explore their thematic and stylistic intersections. The analysis reveals that, while João Cabral adopts an objective and critical language, Elomar resorts to a poetic style that celebrates popular traditions. The study concludes that both authors contribute significantly to the construction of a northeastern literature that dialogues with universal issues, while maintaining and renewing the region's cultural traditions.

Keywords: João Cabral de Melo Neto; Elomar; poetry.

1 INTRODUÇÃO

A poética de Elomar Figueira de Melo e João Cabral de Melo Neto revela um diálogo sobre as realidades do Nordeste brasileiro, destacando temas como a retirada, a migração e a luta por condições de vida dignas. Diante disso, este trabalho busca responder à seguinte questão: de que forma é possível perceber um diálogo entre a poética sertaneja, através dos temas presentes nas obras de Elomar e João Cabral? O objetivo principal é investigar as convergências temáticas entre as

produções desses dois poetas, centrando-se em dois pilares fundamentais: a relação entre as águas, simbolizadas pelo rio e pela seca e a figura do retirante em suas obras.

Essa análise é justificada pela relevância da poesia nordestina na literatura brasileira, que reflete as raízes culturais e históricas da região. Tanto João Cabral quanto Elomar, como representantes proeminentes dessa tradição, desempenham papéis essenciais na formação de uma identidade literária singular, tornando sua investigação pertinente e necessária. A metodologia adotada envolve uma análise comparativa das obras selecionadas, “Morte e Vida Severina” e “O Rio”, de João Cabral, além das canções “Curvas do Rio” e “Retirada”, de Elomar, buscando evidenciar as especificidades poéticas e culturais presentes em seus textos.

João Cabral de Melo Neto, nascido em Recife, é conhecido por sua poesia racionalista que valoriza a objetividade e a precisão na linguagem, explorando aspectos da vida cotidiana do sertanejo, o trabalho árduo e as terras secas do sertão. A sua relação com a oralidade se manifesta na escolha de temas e na representação da cultura nordestina, utilizando um vocabulário que incorpora termos típicos da região, o que cria um vínculo entre autor e leitor. Além disso, suas raízes familiares no interior do Nordeste enriquecem sua capacidade de documentar as condições de vida e as questões sociais da região. Sobre isso, Pinheiro (2009) afirma que o pai de João Cabral era senhor de engenho e, com isso, ele o acompanhava na administração das terras e engenhos de açúcar desde a sua infância. A poesia cabralina reflete sua capacidade de observação aguçada e sua habilidade em documentar as condições de vida e as questões sociais da região. Outro ponto marcante é a questão da musicalidade, especialmente em sua utilização de versos e ritmos que refletem elementos da cultura popular e das tradições musicais nordestinas.

Por outro lado, Elomar Figueira de Melo, oriundo do sertão baiano, entrelaça sua poética erudita às tradições populares nordestinas, celebrando a vida do campo e os desafios enfrentados pelos sertanejos. Sua obra, marcada pela influência da literatura de cordel e canções de viola, capta a melancolia e as paisagens do sertão, reverenciando a cultura popular.

A poética de Elomar Figueira de Melo e João Cabral de Melo Neto, embora distintos em suas nuances, convergem em um diálogo cultural e geográfico do Nordeste brasileiro. Ambos os autores, apesar de suas abordagens distintas, compartilham uma raiz comum provenientes da poética nordestina que assimila elementos da literatura de cordel e da poesia oral, assim como valorizam as tradições e a cultura popular do Nordeste. João Cabral e Elomar exploram as complexidades dessa região, cada um à sua maneira, seja pela crítica social e formalidade rigorosa de Cabral, seja pela celebração das tradições populares, lírica e influências da literatura de cordel de Elomar. Com isso, como afirma Ferreira (2021, p. 345-346), a sua poética sertaneja

interliga a música codificada de forma orquestral num amálgama estético, dando um tratamento sofisticado a uma música que vem da natureza, da vida simples do homem do sertão, das tragédias, da aridez, transformando-a numa linguagem erudita.

Além disso, os artistas compartilham uma fonte comum proveniente da poética e temática nordestina, sendo, pois, um ponto de convergência a retirada que permeia suas obras como elemento central em suas poesias. A migração do sertanejo revisitando as experiências e desafios enfrentados pelos nordestinos que deixam sua terra natal em busca de melhores condições de vida em outras regiões do país.

A escolha desses autores não é fortuita. Em primeiro lugar, a poesia nordestina representa um elemento crucial na estrutura da literatura brasileira, impregnada de raízes culturais e históricas. João Cabral e Elomar, como representantes proeminentes dessa tradição, desempenham papéis importantes na formação de uma identidade literária singular, justificando, assim, a escolha focal dessa investigação. Almeja-se por meio dessa pesquisa compreender as possíveis convergências temáticas entre as obras que olham para o sertão e o sertanejo. Assim, ao considerar os temas como a retirada, a migração e suas conexões com as desigualdades sociais, as condições de vida precárias, a relação com a terra e a construção da identidade regional são aspectos centrais nas obras analisadas: “Morte e Vida Severina” e “O Rio”, de João Cabral de Melo Neto. No que toca ao recorte feito nas produções de Elomar, consideramos as canções “Curvas do Rio” e “Retirada”. Considera-se, portanto, a necessidade de preencher lacunas na compreensão da produção poética desses poetas, concedendo especial atenção à riqueza estética e cultural presentes em suas obras. A análise proposta não apenas amplia o entendimento das especificidades poéticas de João Cabral e Elomar, contudo também favorece a comunicação entre literatura e tradições musicais populares, possibilitando uma aproximação interdisciplinar e aprofundada dessas produções artísticas.

2 DOS AUTORES E SUAS OBRAS: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 MOVÊNCIAS SEVERINAS ARQUITETADAS POR CABRAL DO SERTÃO AO RIO

De autoria de João Cabral de Melo Neto, a obra *Morte e Vida Severina*, que foi publicada em 1955, refere-se de um poema dramático, especificamente um auto de Natal de temática regionalista que se destaca como um dos pontos altos de sua produção, onde o estilo de época pertence à terceira geração modernista (1945). Além disso, o poema dramático desvela a dura realidade dos retirantes no sertão nordestino, apresentando uma visão crítica e realista da vida do sertanejo. João Cabral destaca temas como a migração, a pobreza, a estiagem, a luta pela sobrevivência, a busca por uma qualidade de vida melhor e a falta de oportunidade no interior. Ele faz isso por meio de uma linguagem precisa, direta e desprovida de sentimentalismo, característica de seus 'versos secos e objetivos'. Esses versos são marcados pela ausência de excessos líricos ou emotivos, valorizando a clareza e a racionalidade na construção poética, refletindo a dureza da realidade retratada.

A explanação se dá em torno da figura do retirante Severino, e a obra é dividida em quatro zonas: sertão, zona da mata, a metrópole Recife e o presépio no manguezal (Cf. Corrêa et al. 2004). Na zona “sertão”, parte inicial do poema, o protagonista Severino sente dificuldade em se identificar com o leitor:

O meu nome é Severino
 como não tenho outro de pia
 Como há muitos Severinos
 que é santo de romaria
 deram então de me chamar
 Severino de Maria
 (Melo Neto, 2007, p. 147).

Isso ocorre porque ele se apresenta de maneira ampla, como uma representação simbólica de todos os retirantes nordestinos, isto é, ao invés de uma pessoa específica com uma identidade única que está retirando para a capital pernambucana. Logo, Severino é um símbolo de uma coletividade, mantendo uma representação ampla do sofrimento e das experiências compartilhadas por muitos nordestinos.

Além disso, podemos notar uma dor que vai além do sofrimento dos sertanejos no tocante à seca, sendo os assassinatos no sertão por motivos de domínio de terras. A terra, por ser um recurso valioso no sertão, torna-se objeto de disputa e, alguns donos de latifúndios, assassinavam pequenos produtores rurais para tomar suas terras, como vemos no seguinte trecho:

E quem foi que o emboscou
irmãos das almas
quem contra ele soltou
essa ave-bala?
Ali é difícil dizer
irmão das almas
sempre há uma bala voando
desocupada
(Melo Neto, 2007, p. 94).

Aqui, um agricultor foi morto pela expansão do domínio de terras por um grande proprietário que o texto omite pela elaboração da metáfora “ave-bala”, bem como é uma terra sem lei, pois essa “ave-bala” voa livre, como afirma Corrêa et al. (2004). Com isso, esse trecho exhibe um contexto de violência rural, onde a expansão territorial de grandes proprietários resulta em conflitos violentos que culminam muitas vezes nessas mortes. No Brasil, em particular nas áreas rurais, a luta pela posse de terra é uma realidade ininterrupta e brutal, com grandes proprietários usufruindo de métodos violentos para aumentar seu domínio, muitas vezes às custas de pequenos agricultores deslocados ou assassinados. Como citado anteriormente, a metáfora “ave-bala” é uma imagem poética que substitui a menção direta ao perpetrador da violência pelo grande proprietário. A “ave-bala” preconiza a fatalidade e a imprevisibilidade da violência que atinge suas vítimas de maneira súbita e mortal, como um pássaro que voa livremente e de forma letal. Essa imagem também pode sugerir a normalização dessa violência, como se fosse um elemento natural e inevitável do cenário rural.

A afirmação de que essa “ave-bala” voa indica livremente a ausência de justiça e a falta do Estado de direito nas áreas rurais. Em muitas regiões, a lei é frequentemente ignorada ou aplicada de forma desigual, permitindo que grandes proprietários usem seu poder e influência para evitar punições, enquanto pequenos agricultores e trabalhadores rurais permanecem desprotegidos, fazendo com que esse ambiente de impunidade facilite a perpetuação da violência.

Além disso, também notamos a ausência de oportunidades de trabalho no sertão que também contribuiu para a migração dos sertanejos, como se nota neste trecho:

Como aqui a morte é tanta
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar
(Melo Neto, 2007, p. 105).

Assim, o personagem sugere que, diante desse cenário, as únicas oportunidades de trabalho viáveis são aquelas ligadas à morte, tornando-a uma espécie de “ofício” ou até mesmo um “bazar” onde se comercializam os produtos e serviços relacionados a esse tema tão presente na vida da comunidade.

Já na zona da mata, Severino depara-se com os extensos canaviais e usinas açucareiras, como notamos nos seguintes versos:

Mas não avisto ninguém
 só folhas de cana fina
 somente ali à distância
 aquele bueiro de usina
 somente naquela várzea
 um banguê velho em ruína
 Por onde andará a gente
 que tantas canas cultiva?”
 (Melo Neto, 2007. p 107).

A zona da mata, caracterizada por um clima mais úmido e propício à agricultura, é conhecida por suas plantações de cana-de-açúcar que representam uma importante atividade econômica na região. Os canaviais simbolizam não apenas o trabalho árduo e, muitas vezes, desgastante dos trabalhadores rurais, mas também a esperança de encontrar meios de subsistência em meio à paisagem verdejante da zona da mata. No entanto, os canaviais também representam as duras condições de trabalho enfrentadas pelos trabalhadores, muitas vezes explorados por grandes proprietários de terra em sistemas de produção desiguais. O encontro de Severino com os canaviais na zona da mata é um aspecto importante do poema, destacando a realidade socioeconômica e as complexidades da vida dos migrantes nordestinos em busca de melhores condições de vida.

No entanto, a chegada de Severino à zona da mata não representa necessariamente um alívio para as suas dificuldades. O poema mostra que, apesar das expectativas, a nova realidade também é dura e desafiadora. A desilusão do migrante diante das promessas não cumpridas é evidente, mas também persiste a esperança em meio à adversidade. A jornada de Severino é uma metáfora para as condições sociais que levam à migração e à desigualdade no Brasil, destacando questões como a seca, a fome, a pobreza e a falta de oportunidades. Desse modo, percebe-se uma quebra de expectativas, ao evidenciar a dura realidade enfrentada pelos migrantes nordestinos, que, em busca de uma vida melhor, muitas vezes se deparam com condições de vida igualmente desafiadoras ou até mesmo piores do que aquelas que abandonaram, ou seja, “a injustiça e a exploração social matam tanto quanto a fome e a seca no agreste”, já que esses retirantes eram explorados pelos donos de usinas (Corrêa et al. 2004, p. 44).

Na metrópole do Recife, Severino depara-se com uma realidade adversa, pois a capital pernambucana revela-se como um lugar de contrastes e desigualdades, onde a promessa de uma vida melhor se confronta com a dura realidade das condições de vida dos menos favorecidos. Severino, ao adentrar os limites da cidade, se depara com uma visão marcada pela desigualdade social e pela degradação urbana. O poema descreve a vida dos retirantes em Recife como pessoas que habitam a lama, como:

essa gente do Sertão
 que desce para o litoral, sem razão
 fica vivendo no meio da lama

(Melo Neto, 2007, p. 118)

Nota-se uma imagem que denota a pobreza e a precariedade das condições de vida naquela parte da capital. Essa descrição sugere uma cidade dividida entre o esplendor de uma parte e a miséria de outra, refletindo as disparidades sociais que caracterizou Recife.

Portanto, a chegada de Severino no Recife revela não apenas a sua busca por uma vida melhor, mas também as dificuldades e as adversidades enfrentadas pelos migrantes nordestinos ao tentarem se integrar à vida urbana, marcada pela desigualdade social, pela exploração e pela marginalização. Vale ressaltar que tal marginalização é tão florescente que as pessoas pobres merecem ser enterradas na periferia da capital, ao contrário dos ricos enterrados ao centro da cidade, pois lá é onde há as avenidas melhores, como nota-se no seguinte trecho:

As avenidas do centro
onde se enterram os ricos
(Melo Neto, 2007, p. 114)

Por fim, na zona do presépio no manguezal percebe-se que há uma comparação entre o nascimento do filho de Mestre Carpina e o nascimento do menino Jesus.

Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago este papel de jornal
para lhe servir de cobertor
(Melo Neto, 2007, p. 126)

Essa comparação ocorre no desfecho da obra, quando Severino presencia o nascimento de uma criança em meio à adversidade e à pobreza. Enquanto observa o nascimento do filho de Mestre Carpina, Severino é confrontado com a imagem da maternidade e da esperança, simbolizadas pela chegada de uma nova vida em um ambiente tão árido e desafiador. Essa cena é contrastada com a narrativa bíblica do nascimento de Jesus em Belém, que também ocorreu em circunstâncias humildes, em um estábulo, longe do conforto e da opulência, já que o filho de Mestre Carpina nasceu em um manguezal.

Essa comparação sugere uma reflexão sobre a universalidade da experiência humana, independentemente das circunstâncias sociais ou econômicas. Tanto o nascimento do filho de Mestre Carpina quanto o nascimento de Jesus representam a renovação da vida e a esperança em meio à adversidade, destacando a importância da solidariedade e da compaixão diante das dificuldades enfrentadas pelos mais vulneráveis. De forma geral, o poeta retrata a dura condição dos nordestinos que desabrigavam a sua terra natal em busca de uma qualidade de vida melhor nas grandes cidades.

Datado de 1953, o poema “O Rio” apresenta uma estrutura marcante composta por sessenta estrofes, cada uma contendo dezesseis versos, no qual o eu lírico é o próprio rio. Seu enredo concentra-se na temática da seca e nas devastadoras consequências desencadeadas por esse fenômeno no Nordeste brasileiro. A obra enfoca a migração forçada dos sertanejos que, desapropriados de suas terras pelo impacto da seca, buscam oportunidades nas cidades litorâneas, configurando um movimento migratório significativo.

O poema “O Rio” possui características do romance medieval, visto que nesse período a poemática ibérica, transmitida por via oral durante a Idade Média, frequentemente era anônima e tinha como característica a cursividade narrativa (Cf. Lima, 2011). No poema de João Cabral, a voz poemática expõe suas impressões, lembranças e experiências. Podemos notar essa experiência no seguinte trecho:

no meu destino de mar
 preferi essa estrada
 para lá chegar
 que dizem da ribeira
 e à costa vai dar
 (Melo Neto, 2007, p. 21).

Assim, temos uma obra em que há um tratamento

documental, geográfico (consta que o poema foi escrito com o auxílio da mapoteca do Itamaraty), repleto dos sonoros topônimos pernambucanos. Aqui, é o rio que conta a si próprio na primeira pessoa, e o poeta é visto pelo rio que cruza o Recife, num distanciado vislumbre da memória (Tavares, 2007, p. 8).

Ao dar voz ao rio, notamos que o poema transmite uma sensação de continuidade e permanência, já que o rio é uma presença constante na paisagem, enquanto as pessoas e os cenários à sua adjacência mudam. Nesse aspecto, a característica marcante do poema, utilizado por João Cabral, é a personificação do rio, que permite ao autor atribuir características humanas a elementos não humanos, e isso enriquece a linguagem poética. Os leitores, diante da voz poética, acompanham o sofrimento do rio, que espelha o sofrimento dos retirantes nordestinos. Notam-se as camadas de significado e imagens evocativas durante o percurso, que exploraram as condições de vida dos sertanejos/retirantes e o árido cenário do sertão. A imagética memorialista em seus poemas é uma característica da tradição oral, pois as histórias são frequentemente transmitidas por meio de imagens visuais memoráveis, fazendo com que o leitor experimente de maneira vívida e clara o que Cabral quis transmitir. Esse rio simboliza não apenas um curso de água que serpenteia pelas paisagens áridas do sertão, mas também a trajetória dos retirantes nordestinos, que, assim como o rio, abandonam suas terras em busca de uma vida mais próspera. No entanto, enquanto o fim do rio inevitavelmente deságua na abundância do oceano, o destino do sertanejo é mais trágico: ao deixar o sertão, ele frequentemente se depara com a fome, o desemprego e a marginalização nas grandes cidades. A travessia dos retirantes não conduz à plenitude, mas a uma continuidade de lutas, reforçando o ciclo de sofrimento que marca a realidade do sertanejo. Dessa forma, o rio, metáfora de um percurso natural que culmina em riqueza, contrasta com a jornada humana que culmina na privação e na tragédia. Basta lembrar que em *Morte e Vida Severina*, Severino retirante segue o percurso do Rio Capibaribe como guia/ou uma espécie de mapa em direção ao Recife.

Durante o percurso do rio, que sai do interior pernambucano até a capital, nota-se que a água passará por alguns processos, na qual há momentos em que ela é límpida, causando esperança, e outros, será impura, mostrando que a realidade também é árdua, como afirma Amoury (2011). Podemos notar essa limpidez no início do poema, pois é onde ocorre a sua nascente:

Sempre pensara em ir
 caminho do mar.
 Para os bichos e rios
 nascer já é caminhar.
 Eu não sei o que os rios
 têm de homem do mar;
 sei que se sente o mesmo
 e exigente chamar.
 Eu já nasci descendo
 a serra que se diz do Jacarará
 (Melo Neto, 2007, p.19)

Aqui, o poeta sugere, de forma implícita, uma comparação com a nascente de um rio, levando o leitor a interpretar essa imagem como uma metáfora para o início de algo puro e vital. A nascente, ponto de origem do rio, simboliza o surgimento da vida, onde a água brota da terra em seu estado mais puro, ainda não contaminada pelos desafios e obstáculos que encontrará em seu percurso. Nesse contexto do poema, podemos considerar a referência à serra do Jacarará como uma espécie de ponto de partida, equivalente, de certa forma, à nascente de um rio. A serra é mencionada como o local de nascimento, e o fato de o poeta já ter nascido “descendo” a serra sugere um movimento natural em direção ao curso do rio. Esse movimento descendente pode ser interpretado poeticamente como o início do fluxo do rio, comparável à água que flui da nascente. Além disso, a ideia de que “nascer já é caminhar” pode ser entendida como uma visão poética da jornada do rio desde o momento de sua origem. A associação entre o nascimento e o ato de caminhar reforça a ideia de movimento contínuo, que é uma característica fundamental dos rios.

Já na antepenúltima passagem do poema, denominada de “As duas cidades” da quinta estrofe, podemos notar nitidamente a impureza da água:

A não ser esta cidade
 que vim encontrar sob o Recife:
 sua metade podre
 que com lama podre se edifica.
 É cidade sem nome
 sob a capital tão conhecida.
 Se é também capital,
 será uma capital mendiga.
 (Melo Neto, 2007, p. 47)

Nesse contexto, percebe-se que a realidade que os retirantes almejavam geralmente era ruim, mostrando o rio como um ser que sofre com a seca e a degradação ambiental. O poeta sugere uma crítica à desigualdade social e à presença de uma classe dominante em Recife, que são os donos de indústrias de açúcar. O poema destaca a disparidade entre diferentes estratos sociais, evidenciando uma parte da cidade que enfrenta condições deploráveis, enquanto outra desfruta de mais recursos e prosperidade.

Quando o eu-poético afirma que a cidade de Recife foi edificada com a “lama podre”, podemos inferir que ela foi construída à custa do esforço de trabalhadores que viviam em condições insalubres e desumanas. Isso sugere uma crítica à desigualdade social que marcou o desenvolvimento urbano da cidade, onde o progresso material foi obtido à custa da exploração e marginalização dos mais pobres. A imagem da “lama podre” remete a um cenário de degradação, tanto física quanto moral, apontando para uma construção que, em sua base, carrega a marca da injustiça e do descaso com as classes trabalhadoras. Ele indica que parte dessa

capital foi erguida com base em condições precárias, como se fosse uma edificação feita com o suor e esforço dos menos favorecidos que, nesse caso, era o trabalho das pessoas que laboravam nos canaviais, já que por muito tempo a economia de Recife tinha como base o setor açucareiro. Assim, conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, a povoação do Recife surgiu em 1561 e, devido à cultura extensiva da cana-de-açúcar, rapidamente se tornou a principal cidade da Capitania de Pernambuco, ganhando reconhecimento no mundo comercial da época por muito tempo. A metáfora "lama podre", portanto, por implicar em um fundamento construído sobre algo corrupto, representa as condições de trabalho e de vida degradante, que era a vida dos retirantes que vieram trabalhar nessas lavouras tempos depois. Essa lama podre simboliza a base corrompida sobre a qual essa parte da cidade se sustenta, enfatizando a degradação e a insalubridade dessas condições. Além disso, a expressão "sob o Recife" sugere uma camada oculta ou menos visível da cidade, revelando aspectos negativos que não são imediatamente aparentes na superfície.

Em sua poética, Melo Neto utiliza metáforas para descrever e adjetivar os fatos percebidos durante a trajetória do rio como notamos na cena "Do petribu ao tapacurá", o poeta realça o canavial que domina o litoral pernambucano, amplamente ocupado pelas plantações de cana-de-açúcar. Esse domínio é declarado pela repetição da expressão:

tudo planta de cana
nos dois lados do caminho
e mais plantas de cana
(Melo Neto, 2007, p. 32).

Essa repetição constante desta frase "planta(s) de cana" não apenas realça a onipresença do cultivo de cana, como também cria uma imagem de grandiosidade quase infinita. A metáfora aqui é a comparação implícita entre os canaviais e o mar, pois, assim como o mar se estende vastamente, sem fim aparente, os canaviais são descritos como intermináveis, ocupando todos os lados do caminho. Com isso, essa comparação implícita ao mar sublinha a imensidão dos canaviais e sua influência sobre a paisagem.

Ao descrever os canaviais dessa forma, João Cabral não apenas destaca a importância econômica da cana-de-açúcar na região, mas também recomenda a maneira como esse monocultivo molda a realidade social e ambiental do litoral pernambucano. O mar de cana-de-açúcar pode ser observado como uma metáfora para a monocultura dominante, que engole outras formas de vida e diversidades agrícolas, refletindo uma paisagem uniformizada e controlada pelas necessidades do cultivo. Ainda, essa metáfora pode também evocar sentimentos de monotonia e opressão, tendo em mente o interminável campo de cana-de-açúcar que pode ser visto como uma barreira intransponível, limitando a liberdade e a diversidade do ambiente. A utilização repetitiva da frase "tudo planta de cana" acentua a ideia de ubiquidade e domínio, sugerindo que não há escape da influência da cana-de-açúcar na vida local.

Portanto, ao usar a metáfora do mar de cana-de-açúcar, desenha-se uma crítica sutil à forma como o monocultivo de cana-de-açúcar define e, em muitos aspectos, restringe a vida e a paisagem do litoral pernambucano. Além disso, o rio é visto de forma idealizada e poética, refletindo uma visão nostálgica ou encantadora da meninice de João Cabral. Essa visão pode estar associada a uma representação

lírca, onde o rio é um símbolo de pureza e beleza natural, visto com a simplicidade e a emoção próprios da infância, porque

é o rio visto por Cabral e por Manuel Bandeira na meninice, e que depois do longo percurso que o traz do interior vem se misturar à salmoura do oceano. O rio deste poema é o mesmo de *O Cão sem plumas*, só que agora manchado de realidade, de nomes próprios, de gente pobre, de atividades econômicas (usina, fábrica, engenho), de todo um universo social que o rio descreve, nomeia e comenta com o olhar distanciado e a ausência de emoção que cabem a um narrador impessoal e não humano (Tavares, 2007, p. 9).

Todavia, à medida que o tempo avança e o rio percorre seu trajeto desde o interior até se misturar com o oceano, ele adquire uma representação mais concreta e realista. O rio se torna um reflexo das realidades sociais e econômicas ao seu redor, incorporando aspectos como "nomes próprios, gente pobre, atividades econômicas (usina, fábrica, engenho)" (Cf. Tavares, 2007). Essa transformação na representação do rio indica uma mudança significativa de uma visão idealizada para uma visão mais dura e realista que descreve e comenta o universo social ao qual o rio pertence. Essa mudança de perspectiva reflete como o rio, antes símbolo de uma visão mais pura e idealizada, agora se torna um elemento que descreve e representa aspectos concretos da realidade social e econômica.

A relação entre "O Rio" e "Morte e Vida Severina", portanto, é perceptível, já que ambas compartilham a temática da migração como resposta à seca e estancando a realidade enfrentada pelos retirantes que, ao buscarem uma vida melhor nas cidades litorâneas, muitas vezes se encontram marginalizados, vivendo em condições precárias próximas aos rios, mangues e usinas. O poema de Cabral captura a complexidade das transformações sociais, econômicas e ambientais no Nordeste brasileiro, proporcionando uma reflexão sobre a identidade e as condições de vida dessa região.

Além disso, segundo Toshimitsu (2009), no poema "Morte e Vida Severina" há uma vivência com o mesmo rio do poema "O Rio" que é reimaginado a partir de uma nova perspectiva, tornando o processo de dar voz ao *Outro* radical. Quem narra e compartilha sua própria história é Severino, um retirante que segue o curso do rio. Tudo o que o rio havia revelado no poema é agora reexaminado e vivenciado pelo homem pobre, sob sua própria ótica. Nesse aspecto, uma das diferenças mais marcantes entre os dois poemas é que em

O Rio o foco está na personificação do rio como entidade principal, enquanto em "Morte e Vida Severina" "o artifício da personificação é deixado de lado para que a criação de uma personagem ganhe a cena, o rio é acompanhado por Severino, retirante (Toshimitsu, 2009, p. 59).

Enquanto "Morte e Vida Severina" narra a jornada de Severino em busca de uma vida melhor, "O Rio" explora o tema da identidade do rio e sua relação com o ambiente e as pessoas que vivem ao seu redor.

Com isso, diante das questões discutidas sobre João Cabral de Melo Neto nessa seção, o próximo tópico se dedicará a um recorte da produção de Elomar Figueira de Melo. Assim como Cabral, Elomar também se debruça sobre as complexidades do sertão nordestino, contudo o faz por meio de uma abordagem musical e poética que captura a essência das tradições, dos desafios e das vivências do povo sertanejo. Neste próximo capítulo, entenderemos como Elomar articula, em sua produção artística, uma representação multifacetada do Nordeste, estabelecendo

paralelos e contrastes com a obra de Cabral, e ampliando nossa compreensão sobre as distintas formas de expressar e preservar a cultura e a realidade dessa região.

2.2 ELOMAR: O GUARDIÃO DAS CANÇÕES SERTANEJAS E DA ALMA NORDESTINA

Elomar Figueira Mello, nascido em 1937 em Vitória da Conquista, Bahia, é reconhecido como o trovador do sertão. Ele faz parte de uma família tradicional que reside na zona rural, especificamente no sertão baiano. Outrossim, é um habilidoso tocador de viola e compõe suas canções em sua fazenda que está localizada próximo de Vitória da Conquista.

Tal adjetivação de “trovador do sertão” se dá porque suas composições são frutos de sua paixão pela música, desvinculadas de qualquer motivação monetária e ele não encara a música como sua profissão principal. Suas canções incorporam elementos do imaginário medieval e são habilmente acompanhadas por um violão, um instrumento geralmente associado a conservatórios de música erudita, como afirma Andrade (1998). Contudo, o que mais distingue Elomar de outros violeiros é a sua forma de transitar entre o popular e o erudito, criando, assim, uma fusão única. Elomar dedica parte de sua obra a temas relacionados ao sertão nordestino, incluindo as lutas, a vida e as histórias do povo sertanejo. Com isso, há um alinhamento com a tradição dos trovadores, que frequentemente cantavam sobre temas locais e questões cotidianas.

Inicialmente, desde as suas raízes, Elomar teve contato com repentistas, tendo a oportunidade de presenciar e absorver as performances de cantadores, violeiros e repentistas tradicionais, incorporando, assim, as formas arcaicas do cancioneiro sertanejo baiano juntamente com as narrativas e vivências que estes carregavam. Com isso, essa experiência representou sua influência estética inicial e mais profunda em sua poética, como estabelece (Ribeiro, 2014, p.189).

Além disso, tomemos como base as próprias palavras desse menestrel:

[...] eu vi esses menestréis, eu vi aquela música singela ali do campo, os forrós, tocando na sanfona, no violão. Aqueles cantares rústicos, aquelas canções, aquelas modinhas, aqueles romances medievais já bem distorcidos semanticamente pelo passar dos séculos, não é? Roubo de donzelas... Ouvi Zé Crau, Zé Guelê cantar, não foram muitos não! Zé Tocador lá na região da Palmeira onde eu passei parte da minha infância. [...] Aos 7, 8 anos já ouvia Luís Gonzaga, Humberto Teixeira, essas coisas, aquele sucesso que tava. E no rádio ouvindo as serestas, a música seresteira brasileira: Chico Alves, Orlando Silva, Augusto Calheiros, Vicente Celestino e Carlos Galhardo, cantando esse cancioneiro da seresta, né? Tangos de Gardel, muitos [...] aos 15 anos eu fui prá Salvador estudar. Lá descobri a Protofonia do Guarani, Hora do Brasil” (Mello apud Ribeiro, 2014, p. 189).

Nessas palavras, Elomar compartilha sua experiência de imersão na musicalidade do sertão nordestino desde sua infância, destacando a vivência com os "menestréis," observando a música do campo, os forrós e a execução de sanfonas e violões. Ao mencionar "cantares rústicos" e "canções," Elomar se refere às formas tradicionais de expressão musical, influenciadas por romances medievais que, ao longo do tempo, foram reinterpretados semanticamente. Podemos notar que esse relato evoca uma atmosfera de tradição, conectando-se a um passado distante, com menções a "roubo de donzelas" e "romances medievais". Aqui, Elomar parece apreciar não apenas a música, mas também a narrativa e as tradições que ela carrega

consigo. Já a menção a artistas menos conhecidos como Zé Crau, Zé Guelê e Zé Tocador destaca a importância da preservação das expressões culturais locais, ao passo que, ao mencionar Luís Gonzaga, Humberto Teixeira, que são artistas mais conhecidos, Elomar revela, em sua formação musical, a influência da música popular sertaneja.

Além dessas influências citadas anteriormente, Elomar também sofreu intervenção da literatura de folhetos nordestinos, utilizando a linguagem poética e o estilo narrativo típicos desse gênero, incluindo o uso de rimas, métricas específicas e estruturas narrativas que são comuns nessa literatura.

Basicamente, a literatura de cordel é uma forma tradicional de poesia popular caracterizada por pequenos folhetos de papel que possuem poemas narrativos, muitas vezes, ilustrados com xilogravuras. Os cordéis seguem métricas e formas poéticas específicas, sendo as mais comuns as sextilhas (seis sílabas poéticas), heptassílabos (sete sílabas poéticas) e decassílabos (dez sílabas poéticas), com uso extensivo de rimas, sendo uma das características mais predominantes. As narrativas presentes nos cordéis são as mais variadas, abrangendo temas que incluem aventuras, relatos históricos, críticas sociais, lendas locais, histórias de amor e entre outras. Esses folhetos são frequentemente recitados em voz alta, mantendo viva a tradição oral da cultura nordestina, e podem ser apresentados por cantadores (repentistas).

A linguagem da literatura de cordel é direta e acessível, usando um vocabulário comum que torna a obra compreensível para um público amplo, expondo de forma poética a cultura de uma região. Tomando como base a ideia de Pinheiro (2009), quem escreve cordel geralmente leva uma vida simples e baseada em crenças populares, revelando uma característica do sertanejo. Logo, uma crença na riqueza da terra que ele cultiva, como se fosse a si mesmo, construindo, desse modo, significado de sua cultura com base na sua vivência. De acordo com Mello (2019, p. 99), Elomar traz em sua canção a apresentação do cotidiano de pessoas moradoras do campo, mais precisamente de lugares distantes e desolados. Isto é, pessoas que levam uma vida muito simples, pessoas que não têm contato efetivo com o centro urbano, desse modo, traçando um paralelo com as características do gênero cordel, que é expor o regionalismo e a cultura desse lugar.

Porém, vale ressaltar que algumas vezes a linguagem empregada pode causar estranheza ao leitor, pois muitas vezes ela possui referências e usos de uma fala da região, o regionalismo. Logo, um ouvinte que não está habituado ou não está inserido naquele contexto social, estranhará o modo como o autor está transmitindo a sua mensagem. Podemos notar esse regionalismo presente em cordelistas famosos do Nordeste, como Antônio Gonçalves da Silva, popularmente conhecido como Patativa do Assaré¹, por exemplo.

Além disso, a abordagem de tais temáticas relaciona-se à razão de que Elomar desde a sua infância habita o sertão. Logo, há uma incorporação dos fatos ocorridos ao seu redor que são contados conforme a sua vivência por meio de sua poética. Em

¹ “Sertão, **argüem** te **cantô**”, “E ainda cantando **tô**”, “**Pruquê**, meu torrão amado”. (GONÇALVES DA SILVA, 1982) (grifos do autor).

Nesse trecho, Patativa do Assaré exibe uma linguagem rica em regionalismo e características do sertão nordestino, na qual a linguagem é marcada por elementos típicos da região, como "argüem" (alguém), "tô" (estou), "pruquê" (porque) e entre outros. Essas expressões destacam as raízes regionais do poema, enfatizando a representação de uma região geográfica, suas características culturais, sociais e históricas. Com isso, tais características também estão presentes na poética de Elomar, como vimos anteriormente.

uma entrevista concedida ao "Itaú Cultural," o cantor, compositor e violeiro, Xangai, articulou a proposição de que a autenticidade de Elomar em narrar a realidade sertaneja em suas composições emana da vivência intrínseca deste último no seio da caatinga. Nesse contexto, Elomar edifica suas criações musicais como reflexos verazes da realidade que permeia sua existência, contemplando, com meticulosa observação, os acontecimentos e elementos circundantes.

Além disso, Elomar opta em construir suas composições que remetem ao seu cotidiano, a realidade da zona rural, visando, dessa maneira, não fazer composições para atender aos preceitos do público mercantil. Isso indica que

a postura de Elomar se alinha à concepção de que suas composições não se enquadram às exigências e às imposições de homogeneização e pulverizações do mercado. Para ele, a melhor decisão diante desse fato era afastar-se das posturas que pudessem interferir no seu projeto estético (Cazumbá, 2009, p. 32).

Isso significa que o afastamento intencional das influências e tendências da sociedade contemporânea assume um papel central na construção da autenticidade que caracteriza as obras desse cantor. Elomar prefere manter suas composições distantes das imposições mercadológicas e culturais modernas, preservando a essência de suas raízes sertanejas e eruditas. Nesse âmbito, ele opta por uma significativa renúncia das influências externas, excepcionando unicamente a imersão na realidade imperturbável da caatinga como sua fonte original de inspiração. Esse isolamento se erige como uma tática defensiva contra as injunções e formalidades impostas pela contemporaneidade, permitindo-lhe, por conseguinte, manifestar-se artística e criativamente com uma reverente adesão aos princípios e valores entranhados na vivência sertaneja.

Suas obras são multifacetadas, inclui não apenas poesia, mas também a música, abordando o dialeto sertanejo, elemento que permeia toda a sua produção artística, incorporando-se a sua linguagem poética e musical. Ele canta esse dialeto sertanejo usando expressões e termos que são familiares aos moradores da região e, muitas vezes, se assemelham a histórias ou contos transmitidos oralmente, criando personagens e cenários que fazem parte da tradição oral do sertão, construindo um universo narrativo em sua música, como vemos a seguir na segunda estrofe da canção Retirada:

Esse povo muito longe
Sem trabalho, vem prá cá
Vai pela estrada enluarada
Com tanta gente a retirar
Rumano para a cidade
Sem vontade de chegar

Quando analisamos a canção "Curvas do Rio", integrante do álbum "Na quadrada das águas perdidas", lançado em 1978, revela-se como uma composição que fomenta profundas reflexões acerca de questões prementes na sociedade brasileira da época. Elomar, por meio de sua música, expõe de forma poética e contundente as mazelas da desigualdade social, as condições de trabalho asfíxias no âmbito rural e as adversidades enfrentadas pelos retirantes sertanejos em sua busca por uma vida mais digna e esperançosa, como vemos no seguinte trecho:

Vô corrê trecho
 Vô percurá u'a terra preu pudê trabaiá
 Pra vê se dêxo
 Essa minha pobre terra véia discansá
 Foi na Monarca a primeira dirrubada
 Dêrna d'intão é sol é fogo é táí d'inchada

Podemos notar que a composição em análise, atribuída a Elomar, transcende a mera narrativa para tornar-se um poético testemunho das complexidades emocionais e culturais do sertão nordestino. O eu-lírico, impregnado de uma identidade profundamente regional, delineia a decisão de migrar em busca de oportunidades, entrelaçando essa jornada com elementos históricos, como a referência à Monarca, como podemos notar no quinto verso “foi na Monarca a primeira derrubada”. Embora a interpretação seja subjetiva, essa referência pode ser vista como uma evocação de eventos históricos marcantes na região do sertão nordestino que pode representar a transição de uma era monárquica para uma fase republicana, indicando mudanças sociais e econômicas que impactaram a vida do sertanejo. Além disso, a dualidade entre o Sertão e São Paulo, além do Triângulo Mineiro, não apenas demarca uma mudança geográfica, mas simboliza uma transição de modo de vida, ressaltando as dicotomias entre o rural e o urbano. A promessa de retorno, ancorada na expressão "Eu volto se assim Deus quiser", adiciona uma dimensão espiritual à narrativa, encapsulando a resiliência frequentemente associada aos habitantes do sertão diante das incertezas. A inclusão de detalhes cotidianos, como o "mosquêro na cozinha", confere representação da vida sertaneja, oferecendo ao ouvinte um vislumbre das adversidades enfrentadas no dia a dia. Assim, a canção de Elomar se revela como um retrato poético e culturalmente profundo do sertão, em que a saudade, a fé e as complexidades da vida encontram expressão em uma linguagem singular.

Além disso, a composição desvela de maneira vívida as injustiças e adversidades que a classe trabalhadora rural vivenciava, bem como aborda a problemática da migração como resposta à busca por melhores condições de vida. Nesse contexto temporal de 1978, Elomar alçou sua voz artística para retratar a vida dos retirantes sertanejos, representando uma parcela significativa da população brasileira que sofria as privações da seca, da pobreza, da fome e da carência de oportunidades na esfera rural. Ainda, vale destacar que tais desafios que os nordestinos enfrentavam não eram apenas advindos dos fenômenos da natureza, como as secas, por exemplo. Os aspectos sociais e econômicos também impactavam diretamente nessas desigualdades, uma vez que as regiões do Centro-Sul do país estavam em um desenvolvimento econômico considerável, já que a ausência de indústrias de base para ensejar a economia e o trabalho estavam concentradas na região Sudeste, como a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), Vale do Rio Doce e a Petrobras, fazendo, desse modo, com que a economia do Nordeste não se desenvolvesse adequadamente em relação ao Sul do país (Cf. Francisco, 2024). Ainda, de acordo com o estudioso, alguns minérios e as energias favoreceram a expansão dessas regiões, tendo em vista que esses dois são importantes e fundamentais elementos no processo de industrialização. Nesse quesito a região era bem servida, proporcionando a instalação de fábricas nas suas imediações.

Outro ponto que merece destaque é a visão estereotipada que muitas pessoas tinham sobre o Nordeste, frequentemente percebido como uma região de atraso e arcaísmo, enquanto o Sul era visto como o centro do progresso e desenvolvimento. A partir disso, através dessa

distinção do desenvolvimento capitalista no território brasileiro, o Nordeste passa a ser associado como o lugar do atraso, como o espaço parado no tempo, uma vez que a formação capitalista avança no Sudeste a partir do domínio do capital industrial, que se contrapõe a reprodução de capital algodoeira-pecuarista (Sobrinho e Pajeú, 2023, p. 10).

Essa dicotomia entre as regiões Nordeste e Sudeste enfatizava a ideia de atraso associada ao Nordeste. Esse conceito de atraso era formado a partir da comparação com o avanço econômico do Sudeste, especialmente no que se referia à industrialização. Enquanto o Sudeste se consolidava como o motor econômico do país, impulsionado pelo capital industrial, o Nordeste continuava ligado a atividades econômicas tradicionais, como a agricultura de algodão e a pecuária. Essas atividades, sendo consideradas menos dinâmicas e inseridas em uma lógica de produção pré-capitalista, reforçaram a percepção do Nordeste como uma região parada no tempo. Essa perspectiva refletia a marginalização do Nordeste no processo de desenvolvimento econômico brasileiro, de modo que a formação capitalista se expandiu de maneira desigual, privilegiando o Sudeste e relegando o Nordeste a uma posição de subdesenvolvimento. A associação do Nordeste com o atraso não apenas contribuiu para a estigmatização da região, como também para a construção de um discurso que naturaliza as desigualdades regionais, ao invés de abordá-las como resultado de políticas econômicas e sociais excludentes.

A produção artística originária da região Sudeste foi amplamente reconhecida como moderna e brasileira, tanto no Brasil quanto no exterior, ao passo que aquela proveniente de outras partes do país era frequentemente categorizada como regional, sendo vista muitas vezes como pouco mais do que descrições etnológicas do ambiente humano e físico, ou então considerada regionalista, subordinando práticas modernas ao conceito de tradição (Cf. Anjos, 2005). Contudo, essas visões que os indivíduos tinham do Nordeste foram fomentadas por meio da mídia, pois, como afirma Albuquerque Jr (1999, p. 42), o próprio avanço da imprensa e a inclinação nacionalista para descobrir o país verdadeiro levaram os jornais a se encherem de relatos de viagem para diferentes regiões do país, desde os anos vinte até os anos quarenta. O que se destaca é a ênfase nos costumes “curiosos e peculiares” do Norte, ou nos hábitos “estrangeiros ou recém-chegados” do Sul. Esses relatos estabelecem uma tradição que tem como referência o local de origem como ponto central, considerando-o epicentro do país. A prática de tomar os próprios costumes como representativos da nação e rotular os costumes de outras regiões como peculiares, estrangeiros ou exóticos coloca cidades como São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife no papel de distribuidores centrais de significado ao nível nacional. As diferenças e peculiaridades das outras áreas são rotuladas como indicadores de atraso, arcaísmo, imitação e falta de referência.

Além disso, vale salientar que essa visão de atraso, mencionada anteriormente, não se aplica de maneira justa à literatura nordestina. Ao contrário, a ênfase de alguns escritores em preservar e celebrar os costumes, tradições, valores e crenças da região Nordeste reflete uma forte resistência cultural e um compromisso com a manutenção da identidade regional. Autores como Ariano Suassuna, por exemplo, são conhecidos por suas obras que exaltam a cultura popular, frequentemente retratando um Nordeste enraizado em práticas e visões de mundo que remetem a um passado valorizado e idealizado.

Distante de representar uma estagnação ou imobilidade cultural, essa preservação das tradições é uma forma de destacar a riqueza e a singularidade da cultura nordestina, resistindo às pressões homogeneizantes da modernidade. Em vez

de ser um atraso, essa abordagem literária reflete uma escolha consciente de destacar e perpetuar uma herança cultural rica e diversificada que prossegue a evoluir e a se adaptar sem extraviar suas raízes. Assim, o foco nas tradições, longe de limitar a representação da região, fortalece a diversidade e a pluralidade da literatura nordestina, como argumenta Santos (2021). Nisso, em um mundo globalizado, onde há uma tendência à homogeneização cultural, o foco no regional é, paradoxalmente, uma atitude moderna por conta que a identidade única e fidedigna de uma região contra as pressões externas para a uniformidade. Essa abordagem moderniza o conceito de regionalismo ao mostrar que as tradições locais têm valor e relevância contemporânea e podem coexistir com o novo, sem serem subjugadas.

Com isso, em face dessa realidade desafiadora, muitos nordestinos se viram compelidos a empreender a jornada rumo à região Sudeste, mais especificamente o estado de São Paulo que experimentava esse crescimento econômico. Logo, os retirantes possuíam esperança para alcançar uma existência mais digna e promissora. Vejamos a seguir no trecho da canção “Curvas do Rio”, de Elomar:

Vô corrê trecho
 Vô percurá u'a terra preu pudê trabaiaá
 prá vê se dêxo
 essa minha pobre terra véia discansá
 foi na Monarca a primeira dirrubada
 dérna d'intão é sol é fogo é tái d'inxada
 me ispera, assunta bem
 inté a bôca das água qui vem
 num chora conforma mulé
 eu volto se assim Deus quisé
 Tá um apêrto
 mais qui tempão de Deus no sertão catinguêro
 vô dá um fora
 só dano um pulo agora in Son Palo Triang'Minêro.
 é duro môço êsse mosquêro na cozinha.

A letra dessa música descreve a decisão do nordestino a deixar sua terra natal no sertão para buscar novas oportunidades de trabalho em outro lugar, que seria São Paulo, como podemos observar no décimo quarto verso “só dano um pulo agora in Son Palo”. A canção começa com a determinação de “correr trecho” e “percurar u'a terra” onde ele possa trabalhar, deixando sua “terra véia descansar”, que, nesse aspecto, significa dar uma pausa, uma vez que o eu lírico pensa em retornar a sua terra em razão de ter deixado a sua família para trás, como notamos no décimo verso “eu volto se assim Deus quisé”². Nesse último trecho, podemos notar que o eu lírico possuirá saudade de sua terra devido a partida, pois ele pensa em voltar novamente,

² Em suas obras, Elomar Melo é conhecido por sua fé e espiritualidade, que são elementos que habitualmente aparecem em sua poesia e música. Muitos dos versos de suas canções fazem menção a Deus e à vontade divina. E isso se dá por conta que esse poeta provém de uma linhagem familiar com vínculos à tradição religiosa protestante, da qual se origina um adicional atributo de natureza erudita em sua expressão linguística, como afirma Ribeiro (2014). Vale lembrar que as canções de Luiz Gonzaga, Zé Ramalho e Alceu Valença também abordam temas espirituais, buscando proteção divina diante das dificuldades enfrentadas pelos nordestinos. As letras expressam uma profunda conexão com a espiritualidade e uma confiança na providência divina, elementos fundamentais na vida de muitos nordestinos. A fé em Deus auxilia as comunidades a enfrentarem desafios e a celebrarem as alegrias da vida. Assim como esses artistas mencionados, captura esses aspectos da cultura sertaneja em suas composições, tornando a fé um elemento central em sua poesia e música.

pois segundo Lourenço (1999, p. 32), sempre “temos saudade da infância, da escola, de alguém, dum determinado momento”. Logo, temos esse sentimento porque há uma história que construímos ao longo da vida. Aqui, a saudade é algo que será carregada com o retirante, uma força motriz que molda a sua jornada, pois a saudade, nesse contexto, não é apenas um sentimento individual, mas uma expressão mais ampla da conexão emocional profunda com a terra, a cultura e as experiências do sertão nordestino. De acordo com Albuquerque Jr. (1999, p. 65), a saudade é um

sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpido no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da História.

Nesse aspecto, a saudade é fenômeno que vai além do âmbito individual ela é como um sentimento coletivo capaz de impactar comunidades e classes sociais inteiras, já que o retirante ao deixar sua terra natal, não apenas enfrenta o peso emocional de abandonar seus familiares, mas também provoca nos que ficam a saudade e o vazio pela ausência. Dessa forma, o processo de migração afeta não só o indivíduo que parte, mas também aqueles que permanecem, criando uma experiência de perda compartilhada. Essa saudade também pode ser desencadeada por perdas que afetam não apenas esses indivíduos, mas também a tessitura de um espaço ou período temporal, pois a perda de referências espaciais, como lugares simbólicos e a perda de referências temporais, associadas a épocas marcantes, são apresentadas como elementos catalisadores desse sentimento, já que o retirante está deixando as suas raízes para trás.

Nos primeiros versos da canção, o eu-lírico já possui a decisão de deixar a terra natal, pois existe a necessidade de buscar melhores condições de vida ou de encontrar oportunidades que não estão disponíveis no sertão por conta da estiagem que degrada aquele ambiente e causa desolação, mas essa partida é árdua, uma vez que o eu lírico que está partindo de sua terra natal tem como peça fundamental a sua identidade, história e cultura enraizados nesse lugar e que serão deixados para trás devido a um fato que o obriga a deixar para trás de forma imotivada, como ocorre também no poema “Morte e Vida Severina”, que ao longo da apresentação Severino não expressa desejo, mas é o mundo externo que o impele a sair de sua terra e ir em direção ao Recife” (Toshimitsu, 2009, p. 91). Além disso, o retirante percorrerá longas distâncias até encontrar um local adequado para a sua subsistência. Todavia, podemos observar a resiliência do povo sertanejo, dado que a coragem é a qualidade de enfrentar o medo, o perigo ou a incerteza com determinação e foco.

Durante toda a canção, o eu lírico demonstra coragem ao tomar a decisão de partir em busca de novas oportunidades, como é notório nos seguintes termos: o termo “correr trecho” e “percurar u'a terra”. Já a resiliência faz menção à capacidade de encarar as adversidades, superar desafios e se adaptar às situações demasiadas. Desse modo, é observável que o sertanejo tem como característica ser forte, pois além dele ser alguém que lida com a seca, o sol implacável, o trabalho árduo na terra e outras dificuldades inerentes à vida no interior nordestino, ele também irá enfrentar as adversidades que o caminho até o seu destino oferecerá, como o cansaço, a mudança de cultura e a incerteza de um futuro. Podemos identificar a resistência do povo nordestino quando Elomar cita na quinta estrofe do segundo verso: “Sou imbuêro das beira do rio”. Ao usar esse termo de forma metafórica, Elomar sugere

que existe não apenas uma conexão íntima com a natureza e com o ambiente rural, evocando uma imagem de alguém que está enraizado em sua terra natal, próximo à vida ribeirinha, mas também esse umbuzeiro “é um símbolo de força, resistência, teimosia, características que o próprio sertanejo deve ter também. O umbuzeiro é planta resistente e capaz de dar frutos até durante a estiagem” (Arruda, 2014, p. 594).

Quando partimos para a canção "Retirada", também de Elomar, tal composição mergulha nas profundezas da experiência dos retirantes nordestinos, pintando um retrato vívido da vida no sertão e das adversidades que impulsionam a decisão de partir. A canção, um atributo poético, desvenda um Nordeste muitas vezes castigado pela seca e pela penúria econômica. Nessa narrativa musical, a retirada se torna uma verdadeira representação da coletividade, em que a esperança de uma vida melhor se torna o farol orientador para aqueles que abandonam suas terras em busca de oportunidades além dos limites áridos do sertão. Contudo, essa jornada não é romantizada; é uma travessia marcada por desafios, onde cada passo é dado sob a incerteza do que o destino reserva, como notamos no seguinte trecho da primeira estrofe que encapsula poeticamente os momentos difíceis da jornada:

Vai pela istrada enluarada
Tanta gente a ritirar
Levando só necessidade
Saudades do seu lugar

A simplicidade das palavras carrega consigo o peso da decisão de abandonar a terra natal em busca de uma oportunidade.

Ao descrever as agruras do caminho, como nas linhas da terceira estrofe:

Passa dia, passa tempo
Passa o mundo devagar
Lembrança passa com o vento
Pidindo não ritirar

A música se torna um eco das dificuldades físicas e emocionais enfrentadas pelos retirantes. No entanto, mesmo diante dessas adversidades, Elomar consegue expressar a dualidade da experiência. Ao cantar "Vai pela istrada enluarada / Com tanta gente a ritirar / Sem saber que mais adiante / Um ritirante vai ficar", ele toca na corda sensível da saudade, revelando a conexão profunda que os retirantes mantêm com suas raízes, mesmo enquanto buscam horizontes diferentes.

"Retirada" é um reflexo da realidade social nordestina, usando a arte para iluminar questões como pobreza e migração. Por meio de sua poesia, Elomar não apenas descreve, mas também celebra a resiliência e a esperança de que impulsionam aqueles que decidem seguir em frente, abandonando a terra natal em busca de um futuro melhor.

Na canção "Curvas do Rio", por sua vez, não apenas levanta reflexões sobre as desigualdades sociais e as condições precárias de trabalho, como também denuncia as injustiças enfrentadas pelos trabalhadores rurais e a migração em busca de melhores condições de vida como vemos na terceira estrofe da referida canção:

Tá um apêrto
Mais qui tempão de Deus no sertão catinguêro
Vô dá um fora
Só dano um pulo agora in Son Palo Triang'Minêro
É duro môço êsse mosquêro na cozinha
A corda pura e a cuia sem um grão de farinha

Elomar proporciona uma perspectiva da vida rural, evocando sentimentos de tristeza, saudade e empatia, conduzindo seus ouvintes por uma jornada pelas sinuosidades dos rios nordestinos. A música não se limita a uma mera descrição geográfica, mas transcende para explorar aspectos naturais e simbólicos dessas águas, conectando-se às raízes e histórias que fluem ao longo de suas curvas, sendo um convite para imergir na tapeçaria sonora que retrata a região.

A melodia melancólica e impregnada de um tom de lamento transcende as fronteiras musicais para transmitir as dificuldades enfrentadas pelos habitantes do sertão. Para Brunotts (2022), a estrutura de uma canção melancólica desempenha um papel crucial para moldar o processo de composição sob uma perspectiva vulnerável, pois ao criar uma música que reflete uma experiência melancólica, as letras emergem de forma crua e autêntica, estabelecendo uma conexão mais íntima com os ouvintes. Quanto mais os ouvintes se identificam com uma canção, maior a probabilidade de ela se tornar uma peça musical significativa ao longo dos anos. A música destaca-se como uma das poucas formas de arte que os ouvintes podem revisitá-la repetidamente, e, as canções tristes, sem dúvida, capturam essa sensibilidade.

A poesia de Elomar, refletida nas canções "Curvas do Rio" e "Retirada", revela-se como uma expressão vívida das realidades e emoções do sertão nordestino. Carregando consigo a riqueza linguística da região, permeada por expressões típicas e vocabulário característico, a obra de Elomar se destaca pela fusão harmônica entre influências da música erudita e da música popular brasileira.

Do álbum "Das barrancas do Rio Gavião" (1973), Retirada se destaca por abordar o êxodo rural e a jornada dos retirantes nordestinos nas décadas de 1950 e 1960. A composição descreve a trilha desses indivíduos ao longo de uma estrada enluarada, simbolizando a esperança e a incerteza que permeiam sua caminhada. Elomar retrata a saída em massa desses nordestinos, destacando o sofrimento físico e psicológico, bem como a busca por força espiritual para enfrentar as adversidades.

Ambas as canções oferecem uma visão crua e detalhada da vida no sertão, explorando a dureza do trabalho, a relação profunda entre o homem e a terra, a luta pela sobrevivência e a esperança por um futuro mais promissor. Ao refletir sobre as desigualdades sociais e a realidade dos trabalhadores rurais, Elomar convida seus ouvintes a contemplarem e preservarem a cultura do sertão nordestino.

3 OS ASPECTOS DA RETIRANÇA E DO RETIRANTE EM “MORTE E VIDA SEVERINA” E “RETIRADA”

Quando partimos para a composição denominada de "Retirada", a temática central é voltada para o conceito de retirada, termo frequentemente associado aos movimentos populacionais, particularmente ligados à seca no sertão nordestino. A música aborda a dureza da vida na região, os desafios enfrentados durante as retiradas em busca de condições melhores, a esperança e resiliência do povo sertanejo diante das adversidades. Desse modo, a composição, em sua essência lírica, reflete a preocupação de Elomar com a vida no sertão, explorando as complexidades culturais, sociais e geográficas dessa região específica do Brasil. Através de sua linguagem poética, o artista captura a alma do sertão, revelando as histórias e a riqueza de experiências desse ambiente singular.

Vale destacar também que as canções de Elomar ecoam denúncias, destacando as dificuldades do trabalho no campo, a luta pela sobrevivência e as

adversidades enfrentadas pelos retirantes. Logo, se relacionando diretamente com a temática de João Cabral, já que Elomar, na referida canção de Elomar, faz a seguinte afirmação: “Esse povo muito longe/ **Sem trabalho**, vem prá cá”. No trecho é evidente a conexão entre a falta de oportunidades e a migração forçada.

A expressão "sem trabalho" destaca a escassez de emprego e a desesperança que acompanham aqueles que são forçados a deixar suas casas na esperança de encontrar uma vida melhor em outro lugar. Essa ausência de trabalho é um fator determinante que impulsiona a migração, revelando uma realidade de necessidade e deslocamento.

O poema de João Cabral, *Morte e Vida Severina*, apresenta uma perspectiva interna sobre a ausência de trabalho. "Pois sempre fui lavrador, lavrador de terra má" (Melo Neto, 2007, p. 102) reflete a luta contínua do retirante que, apesar de seu esforço e dedicação ao trabalho agrícola, enfrenta uma terra estéril e pouco produtiva. A metáfora da "terra má" simboliza não apenas a infertilidade da terra, mas também a falta de retorno financeiro que os trabalhadores rurais recebem pelo seu trabalho árduo. Aqui, a falta de trabalho é mostrada pela terra improdutiva, que não oferece os frutos esperados, destacando as dificuldades de quem vive em uma região sem chances de melhoria.

Ambas as obras abordam a ausência de trabalho, mas a partir de ângulos distintos: Elomar foca na migração como resultado da falta de oportunidades, enquanto Cabral explora a realidade de quem, mesmo trabalhando incessantemente, não encontra sucesso devido às condições adversas. A conexão entre esses trechos sublinha uma crítica social sobre as condições de trabalho no Nordeste, oferecendo uma visão abrangente das dificuldades enfrentadas pelos nordestinos, seja na forma de deslocamento forçado ou na luta diária contra uma terra improdutiva. Assim, o desemprego emerge como um dos temas centrais que ligam as duas obras, revelando a dura realidade da vida no sertão e a constante busca por dignidade e sobrevivência.

Assim, o poema “Morte e Vida Severina” desvenda a miséria, fome e morte enfrentadas pelos nordestinos, representadas pela jornada do protagonista Severino. O protagonista deixa o sertão em direção ao litoral, em busca de melhores condições de vida. Ao longo dessa trajetória, o poema revela a aridez da terra e as injustiças enfrentadas pelo povo, destacando eventos como o enterro de um homem assassinado a mando de latifundiários.

O poeta aborda a presença constante da morte como uma figura onipresente e paradoxalmente vital na região, evidencia que, no contexto do sertão, a morte é responsável por alguns empregos, como coveiros e rezadeiras. O poema destaca a ironia de como a morte se torna a principal provedora de ocupações na comunidade. Durante a passagem de Severino pela Zona da Mata, onde a paisagem é mais verde, o eu-lírico observa que a morte não faz distinção, afetando a todos indiscriminadamente. Porém, ressalta que a persistência da vida é a única maneira de sobrepujar a morte. A contemplação do suicídio por parte de Severino, refletida no desejo de se lançar do Rio Capibaribe, é contida pelo carpinteiro José, que compartilha a notícia do nascimento de seu filho. A temática desse nascimento simboliza uma renovação da vida vinculada ao contexto cristão com a alusão ao nascimento de Jesus, que, assim como o filho do carpinteiro José, representa a esperança e a possibilidade de redenção diante das adversidades.

Contudo, tanto João Cabral quanto Elomar divergem em um ponto, que é a maneira de evidenciar o sentimentalismo em suas composições. A poética de João Cabral é notavelmente objetiva, destacando-se por um estilo desprovido de excessos líricos. Sua abordagem caracteriza-se por uma busca por clareza e precisão

linguística, afastando-se das expressões emocionais intensas comuns em outras correntes poéticas, que podemos encontrar em Elomar.

A Retirada aborda o êxodo rural e a jornada dos retirantes em busca de uma vida melhor. O eu-lírico destaca a saudade da terra natal, a dureza do trabalho no campo e a busca por força espiritual durante a jornada, como podemos observar no seguinte trecho:

Vai pela estrada enluarada
Tanta gente a retirar
Levando só necessidade
Saudades do seu lugar
Esse povo muito longe
Sem trabalho, vem prá cá
Vai pela estrada enluarada
Com tanta gente a retirar
Rumano para a cidade
Sem vontade de chegar.

Aqui, podemos notar a expressão "Saudades do seu lugar", que indica um sentimento de nostalgia e apego ao local de origem, evidenciando que, mesmo diante da necessidade de migrar, há um vínculo afetivo e sentimental com a terra natal. A saudade é um elemento emocional que permeia a experiência da retirada, adicionando uma camada de complexidade e profundidade à narrativa da migração.

Além disso, a temática da retirada emerge como elemento central nas obras de João Cabral e Elomar, formando uma reflexão sobre as dinâmicas socioeconômicas do Nordeste brasileiro. A abordagem desses artistas revela uma análise intrincada das condições adversas enfrentadas pelos habitantes da região, notadamente em contextos de seca e aridez.

Em suma, "Morte e Vida Severina" e a canção "Retirada" compartilham uma conexão temática e poética ao retratarem a realidade dos retirantes nordestinos. Ambas as obras utilizam metáforas para expressarem as dificuldades enfrentadas pelos migrantes que, forçados pela seca, pela pobreza e pela falta de oportunidades, são obrigados a abandonar suas terras em busca de sobrevivência em outras regiões.

De maneira similar, a canção "Retirada", de Elomar, aborda o mesmo tema, mas com uma abordagem musical que combina elementos da tradição popular nordestina com uma poética lírica e emocional. Elomar utiliza metáforas que evocam a dor e a resistência dos sertanejos, criando uma narrativa sonora que resgata a vivência dos retirantes com uma sensibilidade singular. A retirada se torna, assim, não apenas um movimento físico, mas também uma metáfora para a perda, o desarraigamento e a procura por uma vida digna.

Em ambas as obras, a figura do retirante é central, simbolizando a resistência e a tragédia de um povo que luta contra as forças implacáveis da natureza e da injustiça social. As metáforas utilizadas servem para ampliar o impacto emocional de suas obras, conferindo-lhes uma dimensão universal que vai além das fronteiras do Nordeste brasileiro. Elas revelam a condição humana em sua essência, fazendo ecoar as vozes dos que são obrigados a deixar suas raízes em busca de um futuro incerto, mas ainda assim carregado de esperança. Assim, ambas as obras dialogam entre si, compondo um retrato multifacetado da experiência do retirante nordestino.

4 DO POEMA À CANÇÃO: O ENCONTRO DE 'O RIO' E 'CURVAS DO RIO

Cabral é metuculoso na escolha das palavras, optando por uma linguagem econômica e direta. Seus versos evitam o uso abundante de adjetivos, privilegiando uma expressão mais nua e objetiva, ou seja, uma abordagem racionalista. Essa precisão na linguagem contribui para a construção de uma poesia que se destaca pela sua simplicidade aparente, porém que revela complexidades nas entrelinhas. Ao focalizar elementos concretos e observáveis em sua poesia, como paisagens, objetos e atividades do cotidiano, João Cabral busca retratar o mundo de maneira tangível e objetiva. Sua obra muitas vezes assume um caráter visual, como se as palavras servissem para pintar quadros poéticos que se aproximam mais de uma observação detalhada do que de um mergulho subjetivo.

A métrica e a estrutura rigorosas de seus poemas são testemunho de sua busca por uma expressão poética controlada e técnica. Essa disciplina formal contribui para a construção de uma poesia que, apesar de objetiva, não deixa de ser profunda e complexa, revelando as camadas sutis e as nuances intrínsecas à sua obra singular.

Já em *Curvas do Rio* há uma reflexão sobre as desigualdades sociais e as condições precárias enfrentadas pelos retirantes sertanejos, assim como a classe trabalhadora rural vivenciava, como a problemática da estiagem que acabava acarretando a uma não produção da agricultura de subsistência familiar para irrigar as suas culturas. A melodia melancólica e a narrativa detalhada transmitem as dificuldades no campo e a esperança por uma vida melhor.

Nas letras de Elomar, a terra é elemento central, evidenciando a conexão emocional dos sertanejos com sua terra natal, contribuindo para a construção identitária regional, na qual um dos sentimentos predominantes é a saudade.

A saudade, nesse contexto, vai além de uma emoção pessoal; ela molda profundamente a percepção da vida no sertão. Elomar retrata essa experiência de maneira emotiva, explorando as complexidades das relações humanas e os desafios inerentes à vida sertaneja. Cada nota e verso em suas canções parecem carregar o peso dessa saudade compartilhada, contribuindo para a preservação de uma narrativa cultural rica e singular.

Temas recorrentes associados à saudade emergem em suas composições, desde a saudade da terra natal até a nostalgia pela vida simples do sertão e a convivência próxima com a natureza. Esses temas são desenvolvidos ao longo de várias composições, criando uma tapeçaria emocional que reflete a diversidade e a profundidade das experiências sertanejas. A saudade nas obras de Elomar não é um mero lamento; é uma celebração e uma tentativa de preservar não apenas memórias, mas uma forma de vida. As influências literárias e musicais que permeiam sua obra contribuem para a riqueza dessa expressão. Ele constrói pontes emocionais entre suas experiências individuais e a vivência coletiva da cultura sertaneja, usando a saudade como um elemento unificador.

Ao analisar a evolução temporal dessa temática em suas composições, é possível vislumbrar não apenas uma jornada artística, mas também uma jornada pessoal. A saudade, portanto, não é estática, mas dinâmica, evoluindo com o artista e refletindo as transformações tanto em sua própria vida quanto na sociedade e na cultura que ele representa. Assim, as obras de Elomar são mais do que peças musicais; são testemunhos emocionais e culturais que capturam a essência da vida sertaneja, destacando que, por trás da saudade, existe uma profunda apreciação pela riqueza e complexidade dessa região do Brasil.

Dessa forma, a temática da retirada, presente de maneira proeminente nas obras desses artistas, transcende a mera narrativa ao oferecer uma análise aguçada das realidades sociais e históricas do Nordeste. Elomar e João Cabral, por meio de

suas composições, não apenas narram a trajetória dos retirantes, mas também desvelam as condições de vida, os dilemas enfrentados e as profundas relações com a terra e a cultura regional. Essa abordagem artística proporciona uma visão multifacetada da experiência nordestina, capturando a dor da perda e a esperança de novos começos. Através de suas poesias e canções, esses autores tornam-se portavozes das lutas e das histórias coletivas de um povo, enriquecendo a compreensão não apenas da migração, mas das identidades e das tradições que permeiam a vida no sertão. Assim, suas obras não são apenas reflexões sobre a retirada, mas verdadeiros testemunhos da resiliência e da busca por dignidade de uma região marcada por sua rica cultura e desafios sociais.

Em Elomar, por sua vez, esse rio também desempenha um papel crucial na narrativa da retirada. O curso do rio é utilizado como uma metáfora para a trajetória do sertanejo em busca de uma vida mais digna. As curvas do rio representam os desafios e as reviravoltas da jornada, enquanto a retirada é marcada pela presença constante desse elemento natural. O rio, assim como em João Cabral, se torna um símbolo do caminho a ser percorrido, com suas curvas refletindo as dificuldades enfrentadas pelos retirantes. Percebe-se, assim, que, enquanto na canção “Retirada”, não há presença de um rio, mas de uma estrada que levará os retirantes até o seu destino, aqui, esse guia torna-se o rio, que leva os retirantes. Essa representação simbólica ressalta a interconexão entre o homem e a natureza, onde o rio se torna um elemento condutor e testemunha das histórias de migração, deslocamento e esperança dos habitantes do sertão nordestino.

Desse modo, podemos notar que essa canção de Elomar conversa diretamente com o poema “O rio” de João Cabral de Melo Neto, uma vez que compartilham uma temática central, que é o deslocamento e busca por uma vida melhor, características da vida do retirante, como podemos notar na terceira passagem do poema de João Cabral “A estrada da ribeira”:

Como aceitara ir
no meu destino de mar,
preferi essa estrada,
para lá chegar,
que dizem da ribeira
e à costa vai dar,
que deste mar de cinza
vai a um mar de mar;
preferi essa estrada
de muito dobrar,
estrada bem segura
que não tem errar
pois é a que toda a gente
costuma tomar
(na gente que regressa
sente-se cheiro de mar)
(Melo Neto, 2007, p. 21)

Nesse trecho, podemos notar a escolha consciente em direção a um destino vasto e desconhecido, simbolizado pelo mar. O eu-lírico expressa sua preferência por uma estrada específica, descrevendo-a como segura e frequentemente percorrida pela maioria das pessoas que regressam, destacando a familiaridade com o cheiro do mar nesse percurso, fato que também ocorre na canção de Elomar, como no sétimo e oitavo verso da canção “Vai na estrada enluarada” e “Tanta gente a retirar”. Logo, são pessoas familiarizadas em percorrer um caminho específico para trilharem até

seus destinos. A metáfora do "destino de mar" sugere uma jornada significativa na vida, enquanto a escolha da estrada representa uma decisão deliberada em direção a esse destino. A menção à ribeira e à costa adiciona elementos geográficos ao poema, reforçando a ligação com o ambiente marítimo. O uso de imagens poéticas, como "mar de cinza" e "mar de mar", contribui para a riqueza simbólica do poema, convidando à reflexão sobre a natureza da vida e das escolhas feitas ao longo do caminho, pois o "mar cinza" pode ser entendido como a seca que deixa a natureza sem vida e o "mar de mar" como um elemento de abundância, algo vívido.

No poema, o rio é personificado como um retirante, refletindo as experiências, desafios e a constante mudança associada a essa condição. O fluxo contínuo do rio simboliza a jornada incessante dos retirantes em busca de oportunidades, enquanto a música de Elomar retrata a estrada enluarada como o cenário dessa trajetória. Tanto no poema "O Rio" de João Cabral quanto na canção Retirada de Elomar, observamos a presença marcante de elementos simbólicos, em particular, o rio e a estrada. Esses elementos são essenciais na representação da jornada dos retirantes, traçando paralelos entre a poesia e a música. No poema, o rio emerge como uma metáfora do curso inevitável da vida, fluindo em direção a destinos pré-determinados, refletindo a condição muitas vezes incontrolável da existência. Por outro lado, a estrada na canção de Elomar simboliza a escolha consciente de seguir em frente, enfrentar desafios e moldar ativamente o destino, mesmo diante das dificuldades.

Essas escolhas simbólicas podem ser interpretadas como representações da condição humana universal. A busca por um lugar melhor é uma jornada compartilhada. Além disso, o rio e a estrada estão enraizados em tradições culturais e literárias, desempenhando papéis significativos nas vidas das pessoas, especialmente em regiões geográficas específicas. A dualidade entre o curso natural do rio e a escolha consciente da estrada adiciona complexidade à narrativa, destacando diferentes perspectivas sobre a jornada da vida.

A adversidade e a resiliência são temas que permeiam tanto o poema quanto a música. Ambas as obras abordam as dificuldades enfrentadas pelos retirantes, seja na falta de trabalho, na incerteza do futuro ou no simples passar do tempo. A cruz mencionada na música tem como simbolismo o fardo pesado que os retirantes carregam, enquanto o poema destaca a luta do rio que, apesar dos obstáculos, continua seu curso, sugerindo uma resiliência inerente à condição do retirante.

A aceitação resignada da realidade é outro elemento comum. Na música, os termos:

Num chora conforma mule
Eu volto si assim Deus quisé

Sugere uma aceitação da saudade como parte inevitável da vida do retirante. O poema também pode ser interpretado como uma representação da resignação diante das circunstâncias, já que o rio continua seu curso apesar das dificuldades, refletindo uma aceitação da natureza efêmera e desafiadora da vida.

Além disso, um dos aspectos mais marcantes nas composições de Elomar é a linguagem utilizada que se caracteriza pela complexidade e riqueza expressiva. Essa complexidade não deve ser vista como uma barreira à compreensão, mas como um reflexo do seu caráter erudito e da profundidade de sua poética. Elomar valoriza a tradição cultural da oralidade do sertão nordestino, empregando um vocabulário e uma construção linguística que, embora desafiadores, revelam a singularidade de seu estilo. As nuances e os escapes linguísticos que ele utiliza não apenas preservam a oralidade, mas também intensificam a força de sua poesia, permitindo uma conexão

mais profunda com as realidades e as emoções do povo nordestino. Ele utiliza um vocabulário e uma linguagem que pode ser associada a algumas regiões do Brasil, e isso pode incluir palavras e expressões regionais que podem ser desconhecidas por aqueles que não estão familiarizados com o sertão.

Além disso, Elomar utiliza uma linguagem que pode desafiar o ouvinte a refletir sobre o significado de suas letras, causando, assim, um certo estranhamento que acaba despertando a curiosidade do receptor, que é incentivado a explorar suas músicas de forma mais ativa e aprofundada, buscando compreender as nuances e os significados ocultos em suas letras. Além disso, é uma forma de resistência à homogeneização da língua e à perda de tradições regionais em um mundo cada vez mais globalizado, na qual os indivíduos estão sujeitos a se engajar nos padrões que a sociedade impõe. Logo, a linguagem complexa na música desse cancionista não é um mero acidente, no entanto, uma parte essencial de sua expressão artística e cultural para transmitir a profundidade de sua poesia, preservar a tradição sertaneja e envolver sua audiência de maneira mais profunda e reflexiva, contribuindo para a singularidade e a riqueza de sua obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível observar como as obras de Elomar Figueira de Melo e João Cabral de Melo Neto conversam e se entrelaçam em suas abordagens poéticas sobre o sertão nordestino. Ambos os autores, apesar de suas diferenças estilísticas e de abordagem, partem de uma raiz comum: a cultura nordestina, profundamente marcada pela oralidade, pela tradição e pela resistência cultural. Por meio de suas obras, esses autores não apenas retratam a vida no sertão, como também conferem a ela uma dimensão universal, explorando temas como a migração, as dificuldades enfrentadas pelo sertanejo e a relação simbólica com a terra e a natureza.

João Cabral, com sua poesia objetiva e rigorosa, molda um panorama do sertão que denuncia as desigualdades sociais e as condições difíceis de vida, enquanto Elomar, com sua poética melancólica e erudita, enaltece as tradições e as lutas do homem do campo, mantendo viva a musicalidade e a oralidade da cultura popular nordestina. A análise das obras “Morte e Vida Severina” e “O Rio”, de João Cabral, em consonância às canções “Curvas do Rio” e “Retirada”, de Elomar, demonstrou uma intersecção entre a poética desses autores, especialmente no que tange à temática da retirada e à representação do rio como símbolo de vida e de morte.

Além disso, esses elementos, ao mesmo tempo, em que revelam a dureza da vida no sertão, também exaltam a resistência e a perseverança do povo nordestino, que, mesmo diante das dificuldades, mantém sua identidade cultural e sua ligação com a terra. Ao revisitarem essas questões, tanto João Cabral quanto Elomar contribuem para uma compreensão mais ampla e mais profunda da realidade nordestina, destacando a importância da literatura e da música como formas de resistência e de preservação cultural.

Com isso, esse trabalho não apenas reforça a importância das obras desses autores no contexto da literatura brasileira, mas também sugere a necessidade de um olhar mais atento para as conexões entre literatura e música popular, particularmente no que se refere à cultura nordestina. As contribuições de Elomar e João Cabral, ao interseccionarem música e poema, ampliam os horizontes da produção artística

brasileira, oferecendo uma visão rica e multifacetada do Nordeste e de seu povo. Portanto, a análise comparativa aqui realizada reforça a importância de ambos os autores na construção de uma identidade cultural nordestina e, por extensão, na formação da literatura nacional.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Lucas Oliveira de Moura. **As curvas do rio e a identidade sertaneja na canção de Elomar**. Anais do III simpom 2014 - simpósio brasileiro de pós-graduados em música/ Artigos - Etnomusicologia/Música Popular. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://seer.unirio.br/simpom/article/view/4629>> Acesso em: 10 abril. 2024
- ANJOS, Moacir dos. Local/global; a arte em trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, página 51.
- AMOURY, Rita de Cássia Lemos. **Sertão, Metáfora e Construção Poética em O cão sem plumas, O rio e Morte e vida severina**. [manuscrito]/Rita de Cássia Lemos Amoury. Goiânia, 2011
- ANDRADE, Paulo. **Elomar: o trovador erudito do sertão**. Itinerários: Revista de Literatura, n. 13, 1998. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107210>>. Acesso em: 08 jun. 2023
- ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- CORRÊA, Ana Laura dos Reis et al. **As fraturas da modernização em Morte e vida Severina**. Grupo de Pesquisa Literatura e Modernidade Periférica, Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, n. 17, ano 13, 2004.
- Como escrever uma canção triste: 7 dicas comprovadas. Disponível em: <<https://emastered.com/pt/blog/how-to-write-a-sad-song#:~:text=Poder%20de%20processamento,de%20processar%20as%20suas%20emo%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em 10 de mar. 2024.
- FERREIRA, G. L. (2021). **Elomar Figueira Mello: um educador do sertão**. *Educação Em Foco*, 24(42), 340–359. Disponível em: <<https://doi.org/10.24934/eef.v24i42.4748>> Acesso em 11 de abril. 2024
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Disponível em: ><http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1449/>> Acesso em: 15 de jul. 2024.
- LIMA, M. de F. G. (2013). **O discurso do poema O rio como expressão do eu-lírico na poesia de João Cabral**. *Texto Poético*, 7(10). Disponível em: <<https://doi.org/10.25094/rtp.2011n10a57>>. Acesso em 30 de set. 2023.
- MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SOBRINHO, J. P. DE & PAGEÚ, O. A., &. (2023). Francisco de Oliveira e o Brasil como um imenso Nordeste: o Nordeste é uma ficção, o Nordeste nunca houve. Disponível em: <https://www.nieparx.blog.br/MM/MM2023/AnaisMM2023/29_MM2023_IDENT.pdf> Acesso em: 18 de Ago. 2024.
- PINHEIRO, Elizângela Gonçalves. **Cantares e cantadores**: Castro Alves, João Cabral e Elomar Figueira Mello/ Elizângela Gonçalves Pinheiro. – Goiânia: Editora UFG, 2009.

Pinheiro Neto, J. E. (2012). **Geografia e Literatura**: a paisagem geográfica e ficcional em "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto. Boletim Campineiro De Geografia, 2(2), 322–340.

RIBEIRO, Eduardo de Carvalho. **A obra de Elomar Figueira Mello**: contexto e estilo além do popular e do erudito. UFMG, Belo Horizonte, MG. Junho de 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pm/a/kRy954QVkhGpf5xDjzwRkwc/?lang=pt>>. Acesso em 28 de out. 2023.

SANTOS, Maria Lucineia dos. **Manifestação Cultural E Representatividade De Um Povo: Um Resgate Da Importância Da Literatura De Cordel**. Itapicuru, BA, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22687>> Acesso em 28 de jul. 2024.

TOSHIMITSU, Thaís Mitiko Taussig. **O rio, a cidade e o poeta**: impasses e contradições na poesia de João Cabral de Melo Neto. Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-27042010-115834/publico/THAIS_MITIKO_TAUSSIG_TOSHIMITSU.pdf> Acesso em 10 de abril. 2024

De EU E O SERTÃO - **Cante lá que eu canto Cá** - Filosofia de um trovador nordestino - Ed.Vozes, Petrópolis, 1982) Disponível em: https://www.pensador.com/poesia_de_patativa_do_assare/. Acesso em 01 de nov. 2023.